


**AS REFORMAS DE AKHENATON: REORGANIZAÇÃO VISUAL E  
LEGITIMAÇÃO DO PODER NO PERÍODO AMARNIANO (1353-1335 A.C.)**

**AKHENATEN'S REFORMS: VISUAL REORGANIZATION AND THE  
LEGITIMATION OF POWER DURING THE AMARNA PERIOD (1353-1335 BCE)**

**LAS REFORMAS DE AKHENATÓN: REORGANIZACIÓN VISUAL Y  
LEGITIMACIÓN DEL PODER DURANTE EL PERÍODO DE AMARNA (1353-  
1335 A. C.)**

 <https://doi.org/10.56238/arev8n5-061>

**Data de submissão:** 14/04/2026

**Data de publicação:** 14/05/2026

**Mayara de Paula Oliveira**

Mestre em Educação Profissional e Tecnológica

Instituição: Instituto Federal Fluminense (IFF)

Endereço: Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: mayaradpaula@gmail.com

**Thamis Malena Marciano Caria**

Mestre em Arte, Cultura e Linguagens

Instituição: Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Endereço: Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: thamismalena4@gmail.com

---

**RESUMO**

Este estudo investiga as transformações na representação artística da família real durante o reinado do faraó Akhenaton (1353-1335 a.C.) e como essa reorganização simbólica redefiniu as formas de reprodução nas artes visuais do período amarniano. O problema central da pesquisa consiste em compreender por que tais alterações ocorreram e quais foram os impactos produzidos nos processos simbólicos de legitimação do poder real. Parte-se da hipótese de que tais modificações relacionavam-se religiosa e politicamente com um projeto de produção de novas formas de visualidade e ratificação da autoridade do faraó. Objetiva-se compreender como as imagens atuaram na consolidação da autoridade real em Amarna. Para isso, busca-se contextualizar o recorte histórico e as principais transformações políticas e religiosas, compreender as consequentes modificações nas artes visuais e interpretar essas transições à luz da historiografia e estudos contemporâneos sobre imagem, poder e representação no Egito Antigo. Essa pesquisa tem caráter bibliográfico e documental, de abordagem qualitativa, e fundamenta-se na análise iconográfica e iconológica das artes visuais produzidas nesse período. Os resultados indicam que as transformações de ordem pictórica implementadas durante o reinado do faraó Akhenaton reformularam as convenções imagéticas consolidadas na tradição artística egípcia, introduzindo novas maneiras de retratar o corpo, a intimidade familiar e a autoridade régia. Conclui-se que, mesmo que por um breve intervalo de tempo, tais mudanças ultrapassaram o campo estético e se constituíram como estratégias simbólicas vinculadas às reestruturações religiosas e políticas do período, contribuindo para o desenvolvimento de novas formas visuais e novos mecanismos de validação do poder no Egito Antigo.

**Palavras-chave:** Egito Antigo. Representação Visual. Leitura de Imagens.

## **ABSTRACT**

This study investigates the transformations in the artistic representation of the royal family during the reign of Pharaoh Akhenaten (1353–1335 BCE) and how this symbolic reorganization redefined forms of reproduction in the visual arts of the Amarna Period. The central problem of the research is to understand why such changes occurred and what impacts they produced on the symbolic processes of legitimizing royal power. The study is based on the hypothesis that these modifications were religiously and politically connected to a project aimed at producing new forms of visibility and reaffirming the pharaoh's authority. The objective is to understand how images contributed to the consolidation of royal authority in Amarna. To this end, the research seeks to contextualize the historical framework and the main political and religious transformations, understand the resulting changes in the visual arts, and interpret these transitions in light of historiography and contemporary studies on image, power, and representation in Ancient Egypt. This research is bibliographic and documentary in nature, with a qualitative approach, and is grounded in the iconographic and iconological analysis of the visual arts produced during this period. The results indicate that the pictorial transformations implemented during the reign of Pharaoh Akhenaten reformulated the imagetic conventions consolidated within the Egyptian artistic tradition, introducing new ways of depicting the body, family intimacy, and royal authority. It is concluded that, even for a brief period, such changes went beyond the aesthetic sphere and constituted symbolic strategies linked to the religious and political restructurings of the period, contributing to the development of new visual forms and new mechanisms for validating power in Ancient Egypt.

**Keywords:** Ancient Egypt. Visual Representation. Image Reading.

## **RESUMEN**

Este estudio investiga las transformaciones en la representación artística de la familia real durante el reinado del faraón Akenatón (1353–1335 a. C.) y cómo esta reorganización simbólica redefinió las formas de reproducción en las artes visuales del período de Amarna. El problema central de la investigación consiste en comprender por qué ocurrieron tales cambios y cuáles fueron los impactos producidos en los procesos simbólicos de legitimación del poder real. El estudio parte de la hipótesis de que estas modificaciones estaban relacionadas religiosa y políticamente con un proyecto destinado a producir nuevas formas de visibilidad y reafirmar la autoridad del faraón. El objetivo es comprender cómo las imágenes contribuyeron a la consolidación de la autoridad real en Amarna. Para ello, la investigación busca contextualizar el marco histórico y las principales transformaciones políticas y religiosas, comprender los cambios resultantes en las artes visuales e interpretar estas transiciones a la luz de la historiografía y de los estudios contemporáneos sobre imagen, poder y representación en el Antiguo Egipto. Esta investigación es de carácter bibliográfico y documental, con un enfoque cualitativo, y se fundamenta en el análisis iconográfico e iconológico de las artes visuales producidas durante este período. Los resultados indican que las transformaciones pictóricas implementadas durante el reinado del faraón Akenatón reformularon las convenciones imagéticas consolidadas en la tradición artística egipcia, introduciendo nuevas formas de representar el cuerpo, la intimidad familiar y la autoridad real. Se concluye que, aunque por un breve período, tales cambios trascendieron la esfera estética y se constituyeron como estrategias simbólicas vinculadas a las reestructuraciones religiosas y políticas del período, contribuyendo al desarrollo de nuevas formas visuales y de nuevos mecanismos de validación del poder en el Antiguo Egipto.

**Palabras-clave:** Antiguo Egipto. Representación Visual. Lectura de Imágenes.

## 1 INTRODUÇÃO

Quando te elevas no horizonte (...), enches cada terra com tua beleza. (...)  
Teus raios abraçam as terras até os confins de tudo que fizeste.  
Grande hino à Aton (ARAUJO, 2000, p. 332)

Ao longo do vasto período que se estruturou a civilização do Antigo Egito, sua produção artística manteve uma ampla estabilidade religiosa, política e estética. Porém, durante um breve intervalo, observa-se uma ruptura significativa com os rígidos padrões iconográficos que se repetiam ao longo dos séculos.

As principais modificações artísticas implementadas a partir do quinto ano do reinado do faraó Akhenaton (1353-1335 a.C.) se relacionam à reconfiguração das convenções formais na representação da família real. E através da análise do conteúdo imagético produzido nas artes visuais, dentro desse recorte histórico, fundamentada nas concepções e estudos de autores referendados, busca-se compreender como essas transformações produziram novas formas de visualidade e ratificaram a autoridade do rei e sua família.

É necessário, portanto, fazer uma breve análise do contexto histórico que se refere à chegada de Akhenaton ao poder, e seus primeiros efeitos, como a mudança da capital, de Tebas para Amarna. Além de verificar as principais reformas estéticas implementadas durante seu reinado, que, embora curto, teve significativa relevância para análise do conteúdo artístico produzido, pois difere essencialmente dos códigos visuais utilizados por milhares de anos.

Deseja-se demonstrar que o novo modo de representar a família real estava diretamente relacionado com a visão de mundo do período amarniano que parecia buscar elevar as figuras do casal real equiparando-o aos deuses, através da adoção de técnicas artísticas inovadoras e impactantes para a época. As obras que sobreviveram às tentativas de apagamento<sup>1</sup> no período pós-amarniano e à passagem do tempo, permitem a observação das relações pessoais da realeza na intimidade dos seus palácios, numa época em que a austeridade e a formalidade eram preceitos rigorosos e deveriam ser seguidos minuciosamente. Também busca-se compreender de que maneira essas representações alteraram a percepção visual com a finalidade de fortalecer simbolicamente a imagem do faraó. Nesse sentido, entende-se a nova forma de retratar a realeza no período amarniano como uma estratégia visual de legitimação e consolidação do poder.

---

<sup>1</sup> Campanhas orquestradas que objetivavam eliminar o legado do 'faraó herético' e o culto ao deus Aton, restaurando a ordem tradicional egípcia centralizada nos cultos tradicionais (Assmann, 2001).

## 2 REORGANIZAÇÃO POLÍTICA NO PERÍODO AMARNIANO

“É o cúmulo da ironia que, após uma intensiva campanha para expugná-los dos anais do Egito, os faraós de Amarna sejam hoje em dia provavelmente os mais reconhecidos governantes antigos de todos os países. (...) discussões sobre Akhenaton, suas crenças e atividades, podem provocar um nível de paixão pouco comum para um homem morto há mais de três milênios.” (Dodson, 2009, p. 138.)

Por volta do ano de 1.353 a.C. o império egípcio era um dos mais ricos e poderosos de todo o mundo conhecido (Chapot, 2007). A região do crescente fértil ostentava fartas colheitas, palácios e templos suntuosos, adornados por verdadeiros tesouros, além de exibir numerosas vitórias do exército contra os seus inimigos. A população era bem alimentada, física e espiritualmente, já que contava com um vasto panteão de deuses e deusas. (Chapot, 2007). Esse contexto foi entendido, em parte, como fruto do reinado do faraó Amenófis III (1386-1349 a.C.) da XVIII Dinastia, que junto a sua esposa, a rainha Tiye, muitas vezes retratada ao lado do faraó em proporções semelhantes, indicando seu elevado prestígio político, e demonstrando a crescente centralidade da rainha nos assuntos de Estado (Wilkinson, 2010), foram responsáveis por um tempo no qual as ciências, as artes e a arquitetura tinham sua importância reconhecida e amplamente valorizada. O casal ordenou a construção de grandiosas obras arquitetônicas, como o magnífico templo de Luxor, às margens do Rio Nilo. Era uma época de paz, prosperidade e harmonia, já que a classe sacerdotal de Tebas gozava de um elevado prestígio. (Albuquerque, 2018).

Os sacerdotes seguidores de Amon-ra<sup>2</sup> se tornaram o elo de ligação entre o faraó e a população. Isso aumentou as competências da classe sacerdotal que passou a ter mais influência não só na sociedade como, inclusive, nas decisões do rei. Tamanho domínio nas mãos de uma classe colocava em xeque a soberania dos governantes, e poderia se transformar numa ameaça direta ao faraó. (Vicentino, 2011)

“A religião egípcia cultuava várias divindades (...) e concedia amplos poderes aos sacerdotes. Há muito que o aumento constante da riqueza e da ingerência política dos sacerdotes de Amon ameaçavam a autoridade do governo Central.” (Vicentino, 2011, p. 26)

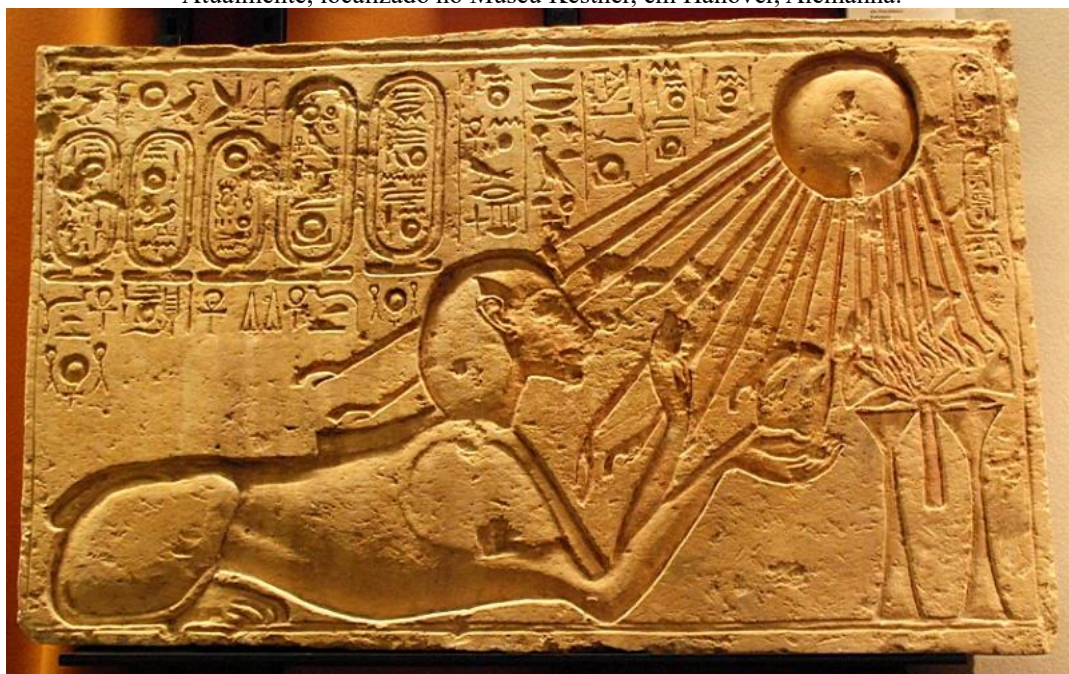
Após a morte de Amenófis III, seu filho, Amenófis IV assume o trono e causa uma das maiores agitações na história do mundo antigo (Vicentino, 2011). Após os primeiros anos de reinado, ele decide instaurar uma nova religião, na qual ele restabeleceria o seu poder enquanto Faraó/Deus, superior a tudo e a todos. Ele muda seu nome para Akhenaton: “a glória de Aton” e leva a capital do Egito de

---

<sup>2</sup> Amon-Ra se consolidou como uma das principais divindades do panteão egípcio, especialmente durante o Novo Império, por volta de 1550-1570 a.C., período no qual seu culto adquiriu forte centralidade política e religiosa (Assmann, 2001).

Tebas para Amarna (Doberstein, 2010, p.167). Este faraó controverso instituiu uma reforma que contestou os hábitos religiosos, primordialmente politeístas, vigentes à época, e que por milênios seguiram inalterados. Akhenaton (1353-1335 a.C.), elevou o disco solar acima de todos os outros deuses. Para ele, o Sol, seria a fonte de toda a vida, a força que proporcionava as colheitas abundantes do Egito, e também um deus onipresente, visível por todos, todos os dias. (Cardoso, 2001) A figura 1 abaixo mostra a representação de Akhenaton como uma esfinge, venerando e fazendo oferendas ao Sol.

Figura 1: Akhenaton como uma esfinge. Relevo em pedra, encontrado em Amarna. Atualmente, localizado no Museu Kestner, em Hanôver, Alemanha.



Fonte: Foto de Hans Ollermann. 2008.

Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Akhenaten\\_as\\_a\\_Sphinx\\_\(Kestner\\_Museum\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Akhenaten_as_a_Sphinx_(Kestner_Museum).jpg)

“O faraó Akhenaton é a figura mais emblemática da Egiptologia. Durante o seu reinado (...) ele empreendeu uma série de ações em favor do Disco Solar, o Aton, num movimento que para muitos culminou no surgimento do monoteísmo na história da humanidade.” (LE MOS, 2014, p.158)

Antes do reinado de Akhenaton, uma nova forma de culto religioso, de influência asiática, começava a ganhar adeptos nas cortes reais. Esse novo culto que propunha que as pessoas se dirigissem ao disco visível do Sol, acabou se tornando o ponto central que conflagrou uma crise religiosa e política sem precedentes. Vicentino (2011, p. 26) destaca que "(...) o rei herético, procedeu uma revolução religiosa, tentando pôr fim ao culto (anterior) politeísta tido pelo faraó como uma doutrina ultrapassada e conservadora” e reduzir a influência política dos sacerdotes de Amon. (Vicentino, 2011)

“(…) uma nova modalidade de culto solar cujas raízes podem ser procuradas tanto na velha teologia de Heliópolis quanto a influências asiáticas começou a ser favorecida na corte, sem que cessassem por isto, aliás, os favores dos reis a Amon-Ra e seus sacerdotes. Tratava-se do culto ao próprio disco visível do sol: Aton. Essa tentativa ainda tímida de reforma religiosa com conotações políticas se transformou numa crise radical (...)” (CARDOSO, 1982, p.77)

Outra interpretação, proposta por Julio Gralha (2017), expressa que a reforma de Akhenaton fazia parte de um projeto político-religioso cuja base era o retorno ao culto solar.

O projeto político-religioso de Akhenaton parecia ser algo bem mais ambicioso que o dos seus predecessores (Thutmés IV e Amenhotep III), pois visava redirecionar a ordem sócio-política e religiosa, sob tutela dos “desígnios de Amon-Ra”, para outra, sob tutela de Aton, na qual a relação deus-monarca estava praticamente equilibrada. O projeto incluía, também, a construção de uma nova capital (o que não era algo incomum) entre Tebas (no Alto Egito) e Mênfis e Heliópolis (no Baixo Egito); pretendia, ainda, conseguir uma centralização e reforma administrativa; uma redução das ações militares; a mudança no cânon artístico-religioso; (GRALHA, 2017, p. 159-160)

Para além desse contexto, o reinado do faraó Akhenaton causou, o que parte da historiografia considera, uma ruptura nos paradigmas artísticos e toda construção do imaginário visual no Antigo Egito. A renovação arquitetônica teve seu ponto máximo com a mudança da capital para Amarna, localizada cerca de 300 km ao norte de Tebas, a antiga capital. Ocasão na qual milhares de trabalhadores foram levados para construir e administrar a nova cidade, em tempo recorde. (Gore, 2001)

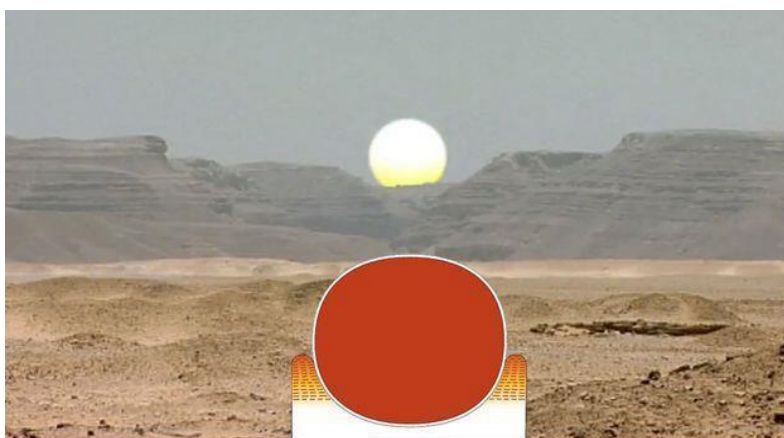
Para Akhenaton, a consolidação da revolução religiosa exigia a relocação da capital. E segundo Chapot (2007, p.61) a escolha do local de implementação da nova capital, foi norteadada pela fé. O hieróglifo que representa o símbolo do horizonte - “akhet” (fig. 2) que é representado pelo disco solar diante de uma fenda de montanhas, influenciou a decisão do faraó. Acredita-se que ele, durante uma de suas viagens, ao se deparar com uma paisagem em Amarna que o remeteu ao hieróglifo (fig. 3), teve a certeza da inspiração divina que aquele seria o local sagrado onde deveria ser construída a nova capital do Egito. (Chapot, 2007, p.61)

Figura 2: Representação do hieróglifo Akhet (o horizonte).



Referência: Júlio Gralha. Egito Ptolomaico: Arquitetura Sagrada e as relações de Poder. Hélade, 2015.

Figura 3: Sol se pondo entre colinas e formando uma imagem semelhante ao símbolo do horizonte de Aton, conforme representado no hieróglifo Akhet (o horizonte).



Fonte: “La revolución de Akenatón”, 2017, BBC News Mundo.  
Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-40499072>

Depois da mudança, a nova capital foi batizada de Akhetaton - horizonte de Aton, evidenciando a centralidade do culto ao disco solar, dentro do projeto político do novo soberano. Atualmente conhecida como Tell el-Amarna, é um dos sítios arqueológicos mais importantes do Egito, pois possibilita o estudo de uma cidade ocupada quase integralmente por uma sociedade urbana, na Antiguidade. (Lemos, 2014).

“No contexto amarniano, a partida para Akhetaton foi absolutamente determinante para introdução de novos elementos artísticos e religiosos, os quais buscaram, definitivamente, elevar o grupo régio ao status divino em vida.” (CHAPOT, 2007, p.140)

Lemos (2014) explica que a nova capital, Akhetaton, “fazia referência a uma paisagem complexa, cujos limites eram definidos simbolicamente por meio de estelas monumentais esculpidas nas rochas das montanhas circundantes da cidade” (Lemos, 2014, p. 190). Contava com numerosos poços, árvores e jardins que floresciam no meio do deserto como um verdadeiro oásis. E muitas casas, templos e palácios que serviam para adorar a um único deus (Aton) que foram construídos rapidamente num breve intervalo de tempo. (Lemos, 2014)

### **3 RUPTURA IMAGÉTICA NA REPRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA REAL**

No decorrer de cerca de três mil anos, a arte egípcia permanecia repetindo os mesmos padrões, seguindo os preceitos de beleza enraizados naquela cultura (Gombrich, 1999) que vislumbrava a eternidade. Contudo, a partir do reinado do faraó Akhenaton (fig. 4) iniciou-se uma reforma artística que alterou quase todo o paradigma que descrevia a rigidez e imutabilidade da arte egípcia ao longo da história.

É equivocado pensar que o artista egípcio deveria ser inovador e criar seu próprio estilo, rompendo com os preceitos pré-determinados pelas convenções artísticas, conforme preconizado na arte moderna, como destaca Gombrich (1999, p. 65-67): “Pelo contrário, era provavelmente considerado o melhor artista aquele que pudesse fazer suas estátuas o mais parecidas com os belos monumentos do passado.” Não era recomendado que o artista desenvolvesse seu estilo próprio, mas sim que tivesse um domínio perfeito das técnicas e executasse as obras artísticas com maestria seguindo a ‘Lei da Frontalidade’<sup>3</sup>, uma regra obrigatória na arte egípcia. Com as mudanças trazidas pelo faraó as pinturas começaram a ficar mais leves e a postura rígida das figuras representadas, foi deixada de lado. As representações agora pareciam ganhar movimento.

“As regras que governam toda a arte egípcia conferem a cada obra individual o efeito de equilíbrio, estabilidade e austera harmonia. O estilo egípcio englobou uma série de leis muito rigorosas, que todo artista tinha que aprender desde muito jovem.” (Gombrich, 1999, p. 65).

Figura 4: Estátua de Akhenaton parcialmente destruída após seu governo.  
Proveniente de Karnak, no Egito. Museu do Louvre, Paris, França.

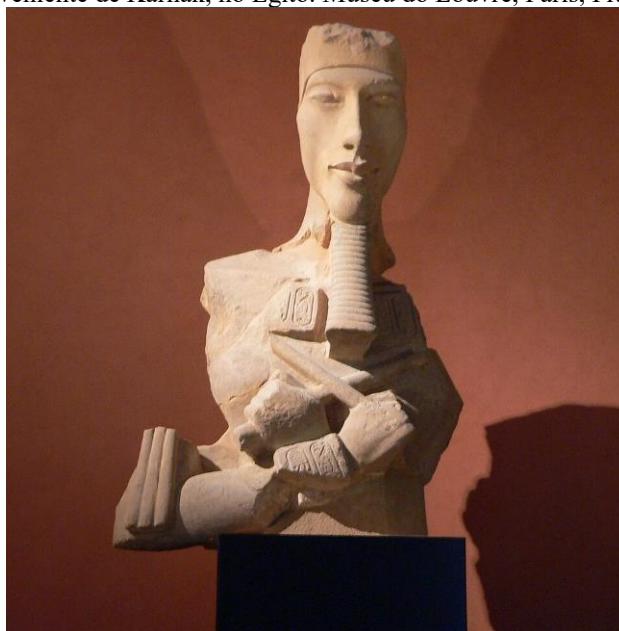


Foto disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Akhenaton-E\\_27112-Louvre-antiquites-egyptiennes-p1020399.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Akhenaton-E_27112-Louvre-antiquites-egyptiennes-p1020399.jpg)

Naturalmente que novas configurações visuais surgiram ao longo da história do Antigo Egito, e diferentes temas eram solicitados aos artistas, no entanto, a representação do homem e da natureza

---

<sup>3</sup> Conjunto de convenções visuais largamente utilizado nas produções artísticas do Antigo Egito, especialmente nas representações de figuras humanas realizadas em pinturas, relevos e esculturas. Esse preceito organizava o corpo humano a partir da combinação simultânea de diferentes pontos de vista, buscando representar cada parte corporal segundo o ângulo considerado mais identificável e completo. Nesse sistema, a cabeça, pernas, pés, mãos e braços eram representadas de perfil, enquanto os olhos e o tronco apareciam de frente para o espectador. (GOMBRICH, 1999).

permaneceram predominantemente a mesma por muitos anos (Gombrich, 1999). Porém, parecia haver uma revolução em curso.

Uma das transformações mais marcantes que podemos observar na arte egípcia nesse período é vista na forma de representar a família real que, anteriormente, era feita de maneira reservada, idealizada, com posturas solenes. As estátuas eram esculpidas, na maioria das vezes, sentadas, com as mãos repousadas sobre os joelhos. A cor da pele dos homens, deveria ser um pouco mais escura que a (cor) das mulheres. (Gombrich, 1999) A tendência da arte estatuária egípcia que apresentava cenas clássicas e uma monumentalidade estática, sem expressões faciais, agora estava se modificando para atender aos novos anseios do faraó. Conforme relata Doberstein (2010, p.167) “em meio a tantas mudanças, a arte também se transformou e assumiu um estilo que se pode chamar de caricatural.” (figuras 5 e 6.)

Figura 5: Akhenaton e sua esposa Nefertiti. Foto: BBC News Mundo, 2017.



Foto disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-40499072>

“(...) Akhenaton ofereceu inéditas e originais respostas artísticas e religiosas para praticamente todas as suas “lacunas”, sendo a mais evidente aquela que insere a família real como protagonista desta nova visão de mundo.” (CHAPOT, 2015, p. 380)

Doberstein (2010, p.167) afirma:

“os modeladores passaram a representar as figuras humanas com uma aparência um tanto assombrosa: torsos de pessoas frágeis, quadris largos, pernas delgadas e tortas. De outro lado, as cenas religiosas passaram a assumir um conteúdo mais humano e familiar. Akhenaton e Nefertiti, aparecem sempre juntos, oficiando as cerimônias de ofertantes ao deus Aton, acompanhados das filhas.”

Figura 6: Rainha Nefertiti e o faraó Akhenaton. Calcário pintado. Museu do Louvre, Paris.

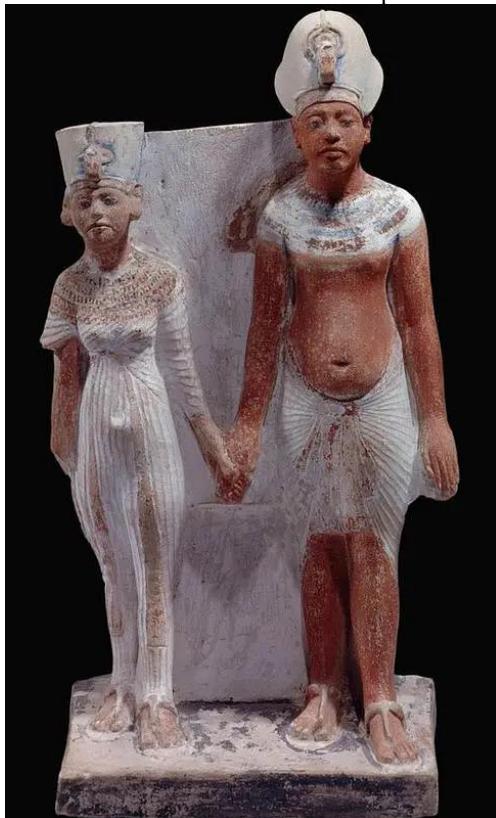


Foto: BBC News Mundo, 2017.

Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-40499072>

Os espaços que antes eram decorados com imagens de deuses e do além-mundo, agora estavam cobertos por figuras do faraó e de seus familiares. Um aspecto mais realista começa a se sobressair nas retratações artísticas mostrando a intimidade familiar do faraó com posturas mais descontraídas, feições mais leves e posando em cenários naturais. Outro aspecto relevante da inovação amarniana, é que as imagens passaram a ter o objetivo de mostrar a relação mais íntima e próxima das figuras exibidas, remetendo a uma sensação de familiaridade com quem as observasse (Doberstein, 2010).

As representações dos momentos familiares ganham um importante destaque, no reinado de Akhenaton, e a temática das obras agora apresentava espontaneidade. Foram encontradas em Amarna muitas gravuras com detalhes que mostram o faraó junto a sua esposa Nefertiti, e em algumas delas, abraçando suas filhas, segurando-as no colo ou compartilhando a vida doméstica sob os raios do disco solar Aton (fig. 7). Esses temas cotidianos não eram bem aceitos anteriormente, e, até o reinado de Akhenaton nenhuma família real egípcia havia sido retratada com seus familiares apresentando demonstrações de afeto e carinho um com os outros. (Chapot, 2015)

Ao introduzir cenas que enfatizavam a intimidade do casal régio e suas filhas, exibindo corpos e posturas ‘reais’, pode-se dizer que uma ruptura teve início. As retratações agora se distanciavam das tradições anteriores marcadas pela rigidez e pela idealização, e alteraram o repertório de milhares de

anos de produção artística, passando a representar o faraó em um contexto mais próximo das camadas populares, ajudando a reconfigurar a sua própria imagem, que assumia uma dimensão mais humanizada e acessível. Muito embora ainda se tratasse de um ‘deus vivo na terra’.

Figura 7: Uma estela de calcário que representa Akhenaton e Nefertiti com três das suas filhas sob o deus do Sol: Aton. 18ª dinastia. Cerca de 1350 a.C. Museu Egípcio de Berlim, Alemanha.

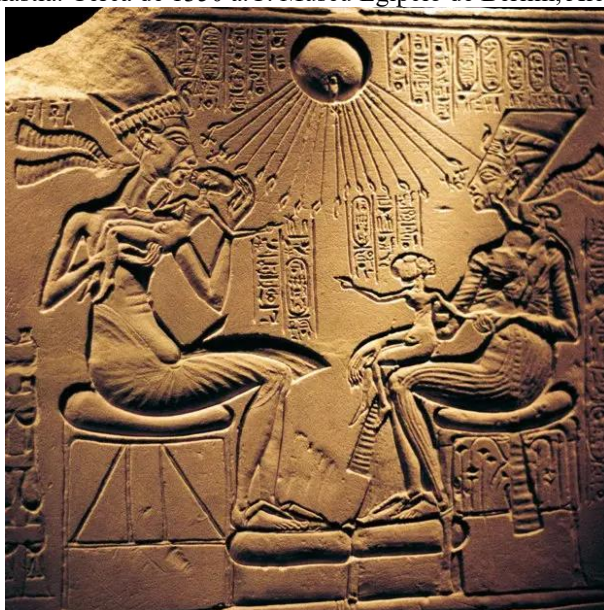


Foto: BBC News Mundo, 2017.

Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-40499072>

Outro aspecto transfigurado foram as representações da própria figura do faraó. Anteriormente eram retratados sentados, ou de pé, com expressões viris, que demonstravam força e liderança, braços comumente repousados sob os joelhos ou cruzados ostentando as insígnias reais. Nesse período as representações conhecidas de Akhenaton o retrataram com quadris largos e barriga proeminente, que remetia à figura feminina, rosto e nariz compridos, crânio alongado e lábios volumosos (figuras 8).

(...) a arte do Período Amarniano tem muito mais movimento, emoção e expressa beleza, mas, também, feiúra, como seria comum no gênero humano. Pela primeira e única vez, a intimidade da família real, a demonstração de afeto e carinho eram desenhadas nos monumentos templários e funerários, assim como a demonstração de dor da casa real pela perda de uma de suas filhas. Mesmo sendo um deus, Akhenaton estava próximo das aspirações e sentimentos humanos (GRALHA, 2017, pp. 179-180).

Figura 8: Fragmento de calcário mostrando um retrato do faraó egípcio Akhenaton de perfil. Provavelmente proveniente de Amarna, Egito. Novo Império, 18ª Dinastia. Neues Museum, Berlim, Alemanha.



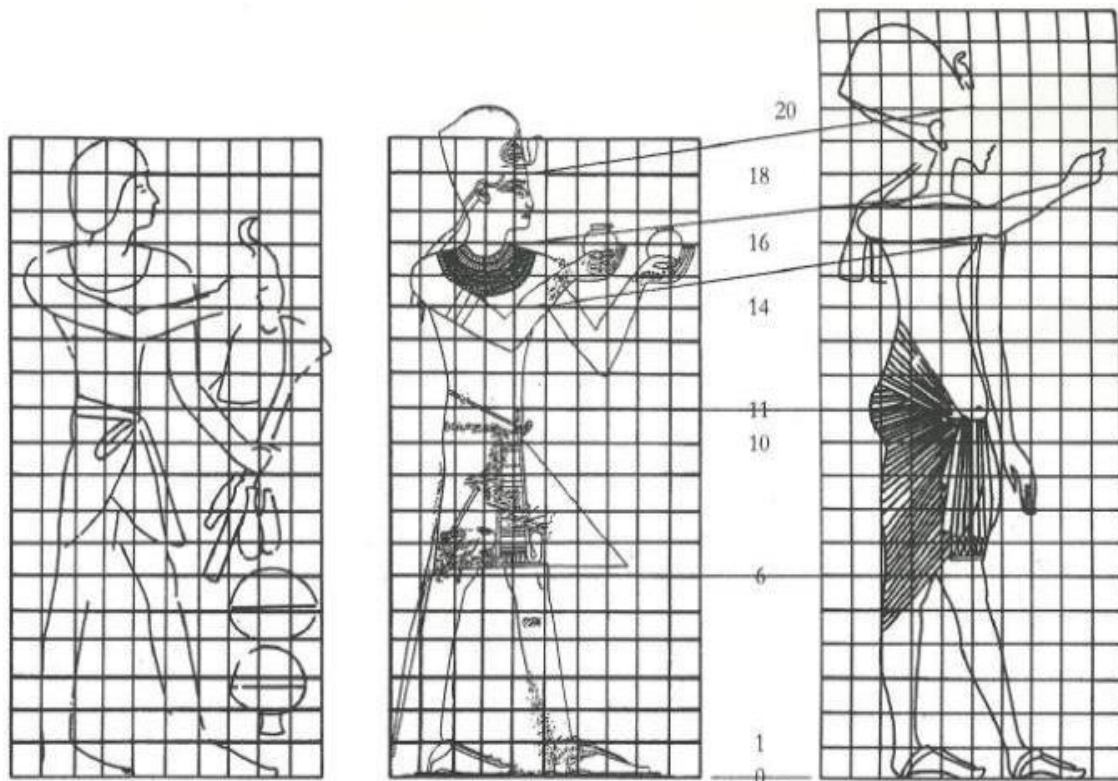
Foto disponível em: <https://www.worldhistory.org/image/11108/portrait-of-akhenaten>

Gombrich (1999) é categórico ao afirmar que “Somente um homem abalou as barras do estilo egípcio”. Ele afirma que por ordem direta de Akhenaton, muitos costumes da antiga tradição foram rompidos, e as produções artísticas que ele encomendava deviam causar perplexidade em muitos egípcios da época. O novo rei já não buscava as posturas imponentes dos faraós anteriores. Chapot destaca que “Difícilmente um monarca exibiu seu corpo fora do padrão atlético ou esbelto que se esperava do rei do Egito, imagem estereotipada que pretendia levá-lo ao patamar do ‘Deus perfeito’ que era” (Chapot, 2007, p. 129-130).

Embora os cânones utilizados na arte egípcia não tenham sido totalmente abandonados, a estética visual passou por mais uma mudança significativa. As figuras humanas deixaram de ser construídas seguindo o rígido quadriculado de 18 quadrados e passaram a ser moduladas seguindo a estrutura de 20 quadrados, (fig. 9) o que provocou um alongamento nas regiões do torso e do pescoço, e se refletiu em toda retratação da figura humana durante a reforma de Akhenaton. (Chapot, 2015, p. 206)

(...) Alguns de seus retratos mostram-no como um homem feio; talvez ele quisesse que os artistas o retratassem com toda a sua fragilidade humana ou, quem sabe, estivesse tão convencido de sua importância ímpar como profeta que insistisse numa semelhança natural e fiel.” (GOMBRICH, 1999, p. 67)

Figura 9: Esquema de comparação entre as escalas de representação da arte egípcia entre os reinados de Amenhotep III e Akhenaton.



Referência: Laboury, Dimitri. Akhenátón. Les Grand Pharaons. Pygmalion edition, 2010, p. 219.

Após a morte do faraó Akhenaton, seu sucessor, o faraó Tutancâmon<sup>4</sup> (1550-1307 a.C.), acabou se voltando novamente ao clero de Amon, e assim uma forte contenção da nova religião foi empreendida, o que resultou na destruição dos ícones e templos da cidade de Akhetaton, e dessa forma, uma grande parte das obras artísticas desse período sucumbiram. (Doberstein, 2010, p.167)

“(…) no decorrer do reinado de Tutankhamen as velhas crenças foram restabelecidas e a janela para o mundo exterior voltou a ser fechada. O estilo egípcio, tal como existira por mais de mil anos antes de seu reinado, continuou a existir por outros mil anos ou mais, (...) Novos temas foram introduzidos, novas tarefas executadas, mas nada de essencialmente novo foi acrescentado à realização artística.” (GOMBRICH, 1999, p. 68)

Mesmo que tenha sido breve, uma nova visão de mundo surgiu no período amarniano e deixou registros sobre o reinando de um faraó controverso, que ironicamente acabou se tornando um dos capítulos mais conhecidos e estudados da história antiga.

<sup>4</sup> (Ou Tutankhamon) Faraó da XVIII Dinastia do Antigo Egito que governou aproximadamente entre 1332 e 1323 a.C., sucedendo o turbulento período das reformas religiosas promovidas por Akhenaton. Inicialmente chamado de Tutankhaton, nome associado ao culto do deus Aton, alterou posteriormente seu nome para Tutankhamon, reafirmando a retomada do culto ao deus Amon e o restabelecendo as antigas tradições religiosas renegadas pelo seu antecessor (WILKINSON, 2010).

#### **4 RELAÇÃO ENTRE A REPRESENTAÇÃO VISUAL E LEGITIMAÇÃO DO PODER DA FAMÍLIA REAL EGÍPCIA**

As transformações realizadas na representação da família real egípcia durante o breve reinado de Akhenaton não podem ser compreendidas como mudanças apenas estilísticas, pois se relacionavam às ebulições políticas e religiosas que estavam ocorrendo. Nessa perspectiva, as imagens produzidas podem ser entendidas como dispositivos simbólicos capazes de atuar na construção, demonstração, manutenção e consolidação do poder e da autoridade do faraó, e da sua família.

“As ações (...) tinham forte cunho propagandista e, de maneira geral, ajustavam artificialmente as cenas, muitas vezes com base em eventos concretos, com intuito de favorecer o caráter sobre humano do monarca (...).” (CHAPOT, 2007, p. 151)

Sobre as imagens, Freedberg (1989) afirma que elas não operam somente como representações passivas do mundo, uma vez que elas têm a capacidade de provocar respostas emocionais e afetivas nos indivíduos que as observam. E Mitchell (2005) reforça que as imagens participam ativamente na organização das relações sociais bem como nos modos de percepção coletiva, sendo assim, pode-se estabelecer a relação mencionada no parágrafo anterior, sobre a imagem enquanto ferramenta simbólica de poder, que podem ser utilizadas em diversas camadas, e com muitas finalidades.

No Antigo Egito, a figura e o que ela representava se aproximava do que eles entendiam como magia, que, de acordo com suas crenças, pode ser traduzida como a materialização de uma força divina e criadora, “(...) logo (a imagem) poderia evocar a realidade de forma mágica” (Chapot, 2007, p.135). Wilkinson (2010) pressupõe que todas as composições remanescentes da arte egípcia traziam consigo um único tema: uma mensagem simbólica. E esse simbolismo se refletia de muitas maneiras na produção artística. Fosse através das formas escolhidas, do tamanho dos personagens e objetos na cena, materiais usados, cores e suas gradações, quantidade, local retratado e local onde seria executada a obra, a gestualidade das figuras humanas, e até mesmo dos hieróglifos<sup>5</sup> utilizados na construção imagética. E cada um desses elementos poderia ser interpretado individualmente, e assim, era possível evocar a força mágica de deus, através do poder simbólico das figuras.

A religião egípcia constituía um sistema de organização na qual o faraó ocupava uma posição central e era considerado o mediador entre o mundo divino e o mundo humano (Assmann, 2001). E “(...) a nova religião tinha intenções políticas claras, de exaltação e identificação do rei, filho do Sol:

---

<sup>5</sup> Sistema de escrita formal, que operava simultaneamente em níveis fonéticos, simbólicos e visuais, estabelecendo uma relação estreita relação entre imagem e linguagem, e foi utilizado no Antigo Egito por aproximadamente três mil anos. O termo hieróglifo deriva do grego *hieroglyphiká*, que significa “escrita sagrada”. Essa denominação foi atribuída pelos gregos devido ao frequente uso dessas inscrições em templos, monumentos religiosos e espaços funerários (WILKINSON, 2010).

o faraó foi inclusive representado adorando a si mesmo.” (Cardoso, 1982, p. 78) Como as imagens régias tinham também função política e religiosa, a presença constante do disco solar Aton nas representações da família real, com raios solares que, frequentemente, indo em direção ao faraó e sua esposa, estabeleceu visualmente uma relação direta entre Aton (deus) e o casal régio, reforçando a ideia de que somente Akhenaton e Nefertiti possuíam acesso privilegiado à divindade. Assim, ao monopolizar visualmente a relação com o deus solar, a família real reforçava sua autoridade política e religiosa diante da sociedade egípcia (CHAPOT, 2007).

As representações do rei e seus familiares assumiam um papel maior que ultrapassava a mera representação, pois também atuavam na consolidação na nova estrutura política e religiosa imposta. Para Belting (2014) as imagens podem produzir modelos novos culturais de percepção e pertencimento. Assim, a intimidade mostrada em cenas familiares pode ser interpretada como uma estratégia cuidadosamente elaborada para reafirmar a centralidade e a força da família real dentro da nova ordem religiosa recém instaurada.

Esse novo modo de representar a realeza introduziu reconfigurações significativas. As imagens passaram a apresentar características corporais incomuns, como crânios alongados, quadris mais largos, ventre saliente e membros superiores e inferiores finos e compridos. Também passaram a enfatizar gestos afetivos, cenas familiares e uma maior proximidade entre os membros da corte, se distanciando de padrões rígidos largamente utilizados nos períodos anteriores.

A reorganização visual promovida durante o período amarniano também pode ser compreendida como uma tentativa de reestruturação da memória cultural egípcia, pois os sistemas religiosos organizam formas coletivas de memória e identidade social (Assmann, 2011) e ao romper parcialmente com os antigos cultos religiosos e instituir novas formas de representação visual, Akhenaton procurava estabelecer uma nova ordem simbólica capaz de redefinir as relações entre religião, poder e imagem.

Com a morte de Akhenaton, seu reinado chegou ao fim. E tão logo isso aconteceu, iniciou-se uma tentativa de destruir a produção imagética desse período, com a acusação de heresia por parte do rei. Essa investida em promover o apagamento histórico do reinado de Akhenaton corrobora o reconhecimento do poder e força política impregnado nas imagens.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A historiografia aponta que a arte egípcia foi pensada, elaborada e executada para representar estabilidade e permanência. Desejava-se construir a arte eterna, a arte que sobreviveria muito além da morte dos seus idealizadores. Entretanto, durante um breve período esses paradigmas foram abalados

por conta da visão de mundo de um faraó tido por muitos como herético. Seu curto e polêmico reinado deixou um legado para a história da arte, mostrando que até mesmo os preceitos clássicos e rígidos da arte egípcia que se perpetuaram por milhares de anos, foram por um tempo desafiados e confrontados a fim de se criar algo inovador e que representasse a percepção sui generis desse faraó que tinha como propósito, como muitos outros antes dele, situar a família real no ponto mais alto de todas as representações artísticas, se igualando ao patamar dos deuses.

Não se sabe com precisão o que levou o faraó Akhenaton a promover essa revolução artística durante o período amarniano. A priori se estabelece que não se tratou apenas de uma ruptura artística, pois as alterações feitas pareciam se distanciar da idealização e conferir um maior grau de realismo nas produções colocando os membros da família régia como ‘pessoas normais’, aproximando a realeza da experiência humana cotidiana. E essa nova arte serviria também para produzir a sensação de simplicidade e proximidade do rei com seus súditos. Estratégia ainda recorrente na contemporaneidade, especialmente no ramo da política, como ferramenta de construção e controle de narrativas. Nesse contexto, não podemos desvincular as manifestações artísticas do período amarniano dos desdobramentos políticos enfrentados após o rompimento com os sacerdotes de Amon-ra, e a fundação de uma nova capital que buscava refletir a cosmovisão de um faraó visto como transgressor.

## REFERÊNCIAS

AKHENATON, o faraó que revolucionou o Egito. National Geographic. Disponível em: <https://nationalgeographic.sapo.pt/historia/grandes-reportagens/1336-akhenaton-o-farao-que-revolucionou-o-egipto> Acesso em junho de 2020.

ALBUQUERQUE, Marcelo; SORIA, P. C. *História da Arte, Arquitetura e Urbanismo: da pré-história ao século XIX*. Blumenau: SOCIESC, 2018.

AMENÓFIS III in Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2020. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$amenofis-iii](https://www.infopedia.pt/$amenofis-iii) Acesso em junho de 2020.

ASSMANN, Jan. **Cultural Memory and Early Civilization: Writing, Remembrance, and Political Imagination**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

\_\_\_\_\_ **The Search for God in Ancient Egypt**. Ithaca: Cornell University Press, 2001.

ARAÚJO, Emanuel. **Escritos para Eternidade: a literatura no Egito Faraônico**. Brasília, UNB, 2000.

BELTING, Hans. **Antropologia da Imagem**. Lisboa: KKYM, 2014.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **De Amarna aos Ramsés**. Rio de Janeiro, 2001.

\_\_\_\_\_ **O Egito Antigo**. São Paulo, Brasiliense, 1982.

\_\_\_\_\_ **Uma reflexão sobre a importância da transcendência e dos mitos para as religiões a partir do episódio da reforma de Amarna, no antigo Egito**. PLURA, Revista de Estudos de Religião/PLURA, 2011.

CHAPOT, Gisela. **A família real amarniana e a construção de uma nova visão de mundo durante o reinado de Akhenaton (1353-1335 a.c.)**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor em História. Área de Concentração: História Social. Setor Cronológico-temático: História Antiga. Linha de Pesquisa: Poder e Sociedade. Rio de Janeiro: 2015.

CHAPOT, Gisela. **O Senhor da Ordenação: Um estudo da relação entre o faraó Akhenaton e as oferendas divinas e funerárias durante a Reforma de Amarna (1353 – 1335 a.C.)**. Niterói, 2007.

DICIONÁRIO OXFORD DE ARTE. Editado por Ian Chilvers; tradução Marcelo Brandão Cipolla; revisão técnica Jorge Lúcio de Campos. -3ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **O Egito antigo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

DODSON, Aidan. **Amarna Sunset: Tutankhamun, Ay, Horemheb, and the Egyptian Counter-Reformation**. Cairo: The American University in Cairo Press, 2009.

FERREIRA, Carolina Velloza. **IMAGEM E AGÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE ICONOGRÁFICA NO PERÍODO AMARNIANO-IMAGE AND AGENCY: THE IMPORTANCE OF ICONOGRAPHIC ANALYSIS IN THE AMARNA PERIOD.**

In: 2017: II Colóquio Internacional do Antigo Egito e Oriente Próximo. 2017.

FREEDBERG, David. **The Power of Images: Studies in the History and Theory of Response.** Chicago: University of Chicago Press, 1989.

GOMBRICH, Ernst Hans. **A história da arte.** 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999. 688 p.

GORE, Rick. **Os faraós do sol.** National Geographic Brasil, São Paulo, Abril. 2001.

GRALHA, Julio. **Deuses, Faraós e o Poder: Legitimidade e Imagem do Deus Dinástico e do Monarca no Antigo Egito (1550 –1070 a.C.).** Rio de Janeiro, JGeditor, 2002 (2017).

GRALHA, Julio. **Egito Ptolomaico: Arquitetura Sagrada e as relações de Poder.** Hêlade, v. 1, n. 1, 2015, p. 67-82

LABOURY, Dimitri. Akhenáton. **Les Grand Pharaons.** Pygmalion edition, 2010.

LEMOS, R. **O Egito Antigo - novas contribuições brasileiras.** Rio de Janeiro, Multifoco, 2014.

MITCHELL, W. J. T. **What Do Pictures Want? The Lives and Loves of Images.** Chicago: University of Chicago Press, 2005.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

THE AMARNA: 3D PROJECT. **Amarna 3D,** 2020. Disponível em:  
<http://www.amarna3d.com/project-overview/>. Acesso em maio de 2020.

VICENTINO, Cláudio. **História Geral.** São Paulo: Scipione, 1991. Edição: 11ª (1 de janeiro de 2011)

WILKINSON, Richard H. **Symbols: the ancient Gods speaks. A guide to Egyptian religion.** Oxford University Press, pp. 341-342, 1992.

WILKINSON, Toby. **The Rise and Fall of Ancient Egypt.** New York: Random House, 2010.